3688
MARILIA
DE
DIRCEO
53688

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

V

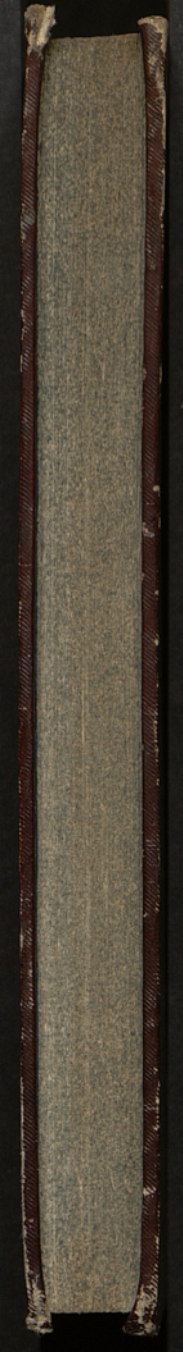
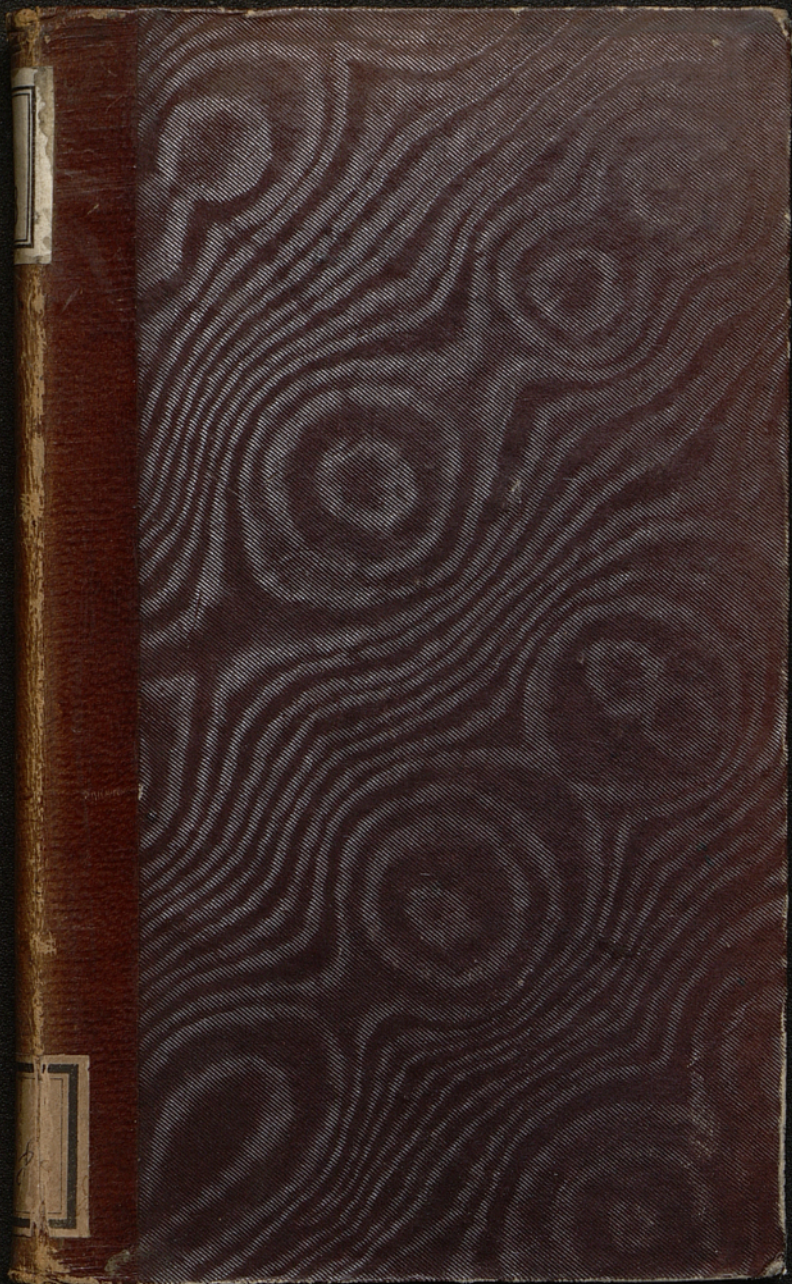
BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

T. V

RIO DE JANEIRO
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT
MERCADORES DE LIVROS
1845

MARILIA
DE DIRCEO

POR

Thomaz Antonio Gonzaga

NOVA EDIÇÃO

MAIS CORRECTA E AUGMENTADA

DE UMA

INTRODUCÇÃO HISTORICA E BIOGRAPHICA

PELO

Dr. J. M. P. da Silva.

RIO DE JANEIRO
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT
RUA DA QUITANDA N. 77
1845

INTRODUCÇÃO

Luiz de Vasconcellos e Souza, quarto Vice-Rei do Brasil, havia já passado ás mãos do Conde de Rezende, seu successor, o governo do Estado, que a Soberana de Portugal, D. Maria I, lhe confiára. O novo Vice-Rei, tomando posse em 9 de Julho de 1790, dous mezes logo depois, assistira ao terrivel incendio da casa do Senado da Camara, incendio que destruïo os mais importantes documentos depositados no arquivo. O povo d'ahi presagiou futuras calamidades, — e o presagio do povo nunca foi enganador.

Apenas findava esse primeiro anno do governo do Conde de Rezende, que uma bella curveta portugueza entrava pela barra do Rio de Janeiro, trazendo a seu bordo os Desembargadores Antonio Gomes Ribeiro e Antonio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela Rainha, para que unidos com o Chan-

celler da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do Vice-Rei, julgassem, em alçada extraordinaria e summarissimamente, os indiciados do crime de rebellião, que se tentára na provincia de Minas Geraes, segundo que haviam communicado a S. Magestade o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, e o Governador e Capitão General das Minas Visconde de Barbacena.

Transportaram-se da cadeia do Ouro Preto, então Villa-Rica, para a cadeia do Rio de Janeiro trinta e tres infelizes, pertencentes ás principaes familias daquella epocha, e que eram os homens mais influentes e prestigiosos da colonia. A longa viagem, que não durou menos de trinta e oito dias, o peso das algemas, que lhes ligavam os braços, os máos tratamentos, que supportaram, e a grande nomeada de muitos d'entre elles, tudo concorria para attrahir-lhes a sympathia publica.

Era então a cadeia do Rio de Janeiro a casa, que hoje serve ás Sessões da Camara dos Deputados; no mesmo lugar, em que outr'ora como em segredo resoavam os gemidos e soluços de tão desgraçadas victi-

mas, agora echoam livremente as vozes descompassadas dos eleitos do povo.

Já na prisão de Villa-Rica havia sido morto, ou, como alguns acreditam, se suicidára Claudio Manoel da Costa, um dos indiciados da famosa rebellião. Durante o processo até execução da sentença, alguns se finaram no Rio de Janeiro. Quando em 18 de Abril de 1792 foi á cadeia o official de justiça intimar aos presos o accordão da Relação em alçada, pelo qual onze haviam sido condemnado á morte, cinco a degredo perpetuo para presidios d'Africa, e os mais todos a degredos temporarios, já seu numero estava bem diminuido, e nem todas as penas se poderiam cumprir.

Felizmente que d'esses onze, destinados ao cadafalso pelos juizes, a quem não profunda convicção, sim o terror, arrastou a tamanha severidade, só um por todos pagou —, que os mais companheiros de infortunio receberam commutação de pena, e foram parar pelas desertas costas d'Africa oriental e occidental, e pelos aridos penedos de Santiago e Bissáu.

O povo do Rio de Janeiro acreditava na iniquidade das suas condemnações; sentio

profundamente, quando vio levantar-se o cadafalso alli—, que he hoje a praça da Constituição, então deserto campo, aonde finda a nova rua dos Ciganos; cercar-se o lugar da execução de immensa força armada; chegar o paciente Joaquim José da Silva Xavier no centro de duzentos soldados, e padecer com espantosa coragem affrontosa morte, em presença de tantos espectadores, que até se apinhavam a vêr pela aba do morro de Santo Antonio, que descahe para a banda da Lampadosa. As autoridades tinham tomado todas as providencias, receiosas de hum levante do povo em favor d'aquella victima.

Alguns mezes depois partio um brigue de guerra para os presidios de Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe e Pedras de Angoche, levando os deditosos, que lhes eram destinados, e entre os quaes se contavam os nomes gloriosos do coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, do tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, e do capitão José de Rezende Costa.

Logo apoz, em hum dos ultimos dias de Setembro de 1793, a mesma corveta, que de Lisboa trouxera, tres annos antes, os Magistrados pusillanimes, fazia-se de vela

do Rio de Janeiro para Moçambique, Macúa, Maximba, Inhambane e rios de Senna, para alli abandonar os infelizes Thomaz Antonio Gonzaga, José Ayres Gomes, Antonio de Oliveira Lopes, Vicente Vieira da Motta, e o velho surdo, já septuagenario, Domingos de Abreu Vieira.

Assim os homens mais reputados e mais illustres d'aquella epocha forão repentinamente arrancados aos braços de suas familias, lançados nas masmorras, condemnados, e além do oceano, — longe da patria, — aqui e alli dispersos, — cada hum isolado, ou tragaram soffrimentos atrozes até que lhes chegou o dia venturoso de regressar ao Brasil, — ou n'esses pestilentos climas, no meio d'essas aguas insalubres, — por entre os negros selvagens e barbaros, viram acabar seus dias, sem que á hora derradeira da existencia —, nos paroxismos da morte —, uma voz amiga os consolasse á cabeceira.

Quer elles tivessem já em seus sonhos previsto a independencia do seu paiz, e talvez mesmo a pretendessem prematuramente realisar; quer, não lhes passando ainda pelo pensamento um egual futuro, não tives-

sem feito mais do que discorrer com franquesa sobre o novo imposto da derrama do ouro, que então o governo fizera na provincia de Minas substituir ao da capitação; o certo he que seus nomes são hoje considerados e glorificados, como os dos primeiros martyres do Brasil.

Admiravel contraste formam estas cousas do mundo! No mesmo anno de 1792, em quanto os republicanos da França julgavam, sem formalidade alguma, e injustamente condemnavam o infeliz Rei Luiz XVI e seus vassallos fieis; os absolutistas de Portugal julgavam tambem no Brasil, sem formalidade, e injustamente condemnavam aquelles que elles suspeitavam de republicanos; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso S. Luiz, igual sorte padecia o republicano Joaquim José da Silva Xavier.

Tudo porém tem seu systema de compensações.

Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, cheio de corpo; tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues vivos e penetrantes: sua con-

versação alegre e jovial encantava, seus modos agradaveis e polidos lhe attrahiam todos os corações. Dotado pela natureza de intelligencia superior, elle cultivava as letras, e approfundava os aridos estudos das sciencias sociaes, de modo que a nomeada, que ganharam-lhe seus talentos e não vulgar instrucção, foram a causa de o supporem um dos principaes chefes da tão fallada rebellião de Minas, quando, concedida sua veracidade e existencia, elle pouca ou nenhuma parte n'ella poderia ter. Acabava de servir o lugar de ouvidor de Villa Rica, e preparava-se para ir para a Bahia, para onde recebera o despacho de dezembargador, quando foi preso pelo coronel Francisco Antonio Rebello. Condemnado pela Relação a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche, teve a fortuna de vêr commutada sua pena a degredo por dez annos para Moçambique, por hum segundo accordam do mesmo tribunal. Gonzaga recebera no anno de 1768, na universidade de Coimbra, o gráo de bacharel formado em leis, e logo depois deixara a metropole para exercer a magistratura em Villa Rica.

Aonde nascera Thomaz Antonio Gonza-

ga?— Eis huma questão suscitada, debatida com toda a força, e até agora indecisa entre os litteratos. He huma das suas glorias, que, depois de sua morte, tanto o Brasil como Portugal se honrassem de haver sido o seu berço, defendendo com todo o calor e empenho os sabios dos dous paizes os direitos de sua nacionalidade.

Os Brasileiros sustentam que, sendo incontroverso que seu pai o desembargador João Bernardes Gonzaga, nascera no Rio de Janeiro; que sua mocidade se passara nas cidade do Recife e da Bahia; e mais; que todos aquelles individuos, que entraram na tentativa de rebellião de 1789 na provincia de Minas tinham nascido no Brasil, e unicamente dous tiveram seu berço em Portugal, e estes dous, os coroneis José Silverio de Leiria, e Basilio de Brito Malheiros, haviam representado o vergonhoso papel de denunciantes, e causado as perseguições e infelicidades de seus companheiros; nenhuma duvida poderia haver de que Gonzaga nascera no Brasil, opinando huns, que vira a luz do dia em Pernambuco, e outros, que a gloria de o contar entre seus filhos pertence á cidade da Bahia.

Pretendem os Portuguezes, que pelas mesmas melodias do seu canto, pelas saudades que de vez em quando deslisam seus deliciosos versos, como carpindo a dôr da ausencia do Tejo, e das amenas campinas de Portugal, de que elle não póde lembrar-se, sem que huma dôr profunda se denuncie, Thomaz Antonio Gonzaga se confessa Portuguez.

Muito tempo hesitamos nós em abraçar huma das duas opiniões; veio porém a occasião, em que ou o espirito nacional, ou a força da argumentação, nos levou a crêr de firme que nascera Gonzaga no Brasil, e tanto mais nos convenceu essa idéa, quanto hum illustrado escriptor portuguez, João Baptista de Almeida Garret, no seu *Bosquejo da Litteratura Portugueza*, deu a Gonzaga o titulo de Brasileiro.

Lendo e examinando a devassa, que lhe fez culpa, e a seus companheiros e amigos, encontrámos no seu interrogatorio unicamente a declaração de haver nascido no anno de 1747, e de ser filho do desembargador João Bernardes Gonzaga. Esta falta de designação do lugar em que nascera, combinada com a sua repetição nos inter-

rogatorios de todos os outros co-réos, que guardam igual silencio, cada hum a respeito de si, augmentava a crença de ser Gonzaga nascido no Brasil, compatriota dos seus companheiros de infortunio.

Parece-nos porém agora decidir-se a questão com a leitura do livro das matriculas da universidade de Coimbra, cuja certidão extrahida de folhas 201, do anno lectivo de 1763 a 1764, temos diante dos olhos, e declara que se matriculara *Thomaz Antonio Gonzaga, no dia* 1.º *de Outubro de* 1763, *natural do Porto, filho do desembargador João Bernardes Gonzaga.*

Eis o unico documento que se tem podido achar, e que descobre o nascimento de Gonzaga, fazendo desapparecer todas as differentes pretenções dos litteratos. E posto nascesse elle na cidade do Porto, sendo seu pai brasileiro, tendo vindo passar sua infancia na Bahia e Pernambuco, e depois apenas se demorando em Portugal o tempo dos seus estudos de universidade, regressando logo que formado, e já despachado para Villa Rica, onde esteve até a epocha infeliz de sua prisão, nós o devemos considerar Brasileiro, — que sua gloria recahe

toda sobre a terra de seu pai, na qual elle viveu sempre, e que lhe inspirou tão bellas, tão maviosas, tão sublimes canções, — terra dos seus amores, — terra dos seus suspiros.

Não nasceram os dous Cheniers em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, porque fôra seu pai francez? A luz do dia não appareceu a Benjamin Constant na Suissa? Não os conta a França no Panthéon de seus escriptores nacionaes? Como não ha de ser Thomaz Antonio Gonzaga considerado Brasileiro, elle que padeceu e penou pela causa do Brasil, com tantos outros Brasileiros, dignos de eterna memoria? Que importa que hum acaso o fizesse nascer na cidade do Porto?

A vida de Thomaz Antonio Gonzaga divide-se em duas phases: a primeira chega á epocha de sua prisão em 1789, á edade de 42 annos; foi toda de prazeres, de divertimentos, de alegrias, de amores: está desenhada nos seus versos faceis e languidos, limpidos e faceiros; reflecte-se, como em huma cristallina fonte, n'essas lyras suaves e melodiosas, em que elle, transformado em pastor, sauda o seu casal, alegra-se

com as suas brancas ovelhinhas, contenta-se com a sua sorte, nos braços da bella Marilia, e exclama, no meio dos mais prazenteiros risos:

> Graças, Marilia bella;
> Graças á minha estrella!

Gonzaga assemelhava-se a esses menestreis da idade media, para quem a vida se cifrava em descantar amores, sem que huma nuvem de tristesa lhe embargasse a menor alegria, e para quem

> O agrado da amante
> Vale mais que hum rebanho e mais que hum throno.

Elle amava a D. Maria Joaquina de Dorothea Seixas, a quem déra em seus versos o nome de Marilia, e a quem dedicava seu pensamento e suas canções. Arrebatado pela sua paixão, que lhe importava o mundo com suas transmutações, a existencia com suas scenas variadas, o futuro, ainda que ennegrecido e ameaçador?

> Irás a divertir-te na floresta,
> Sustentada, Marilia, no meu braço;
> Alli descançarei a quente sesta,
> Dormindo hum leve somno em teu regaço.

Emquanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Tocarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora
Sem deixar huma rez o nedio gado.
Já d'estes bens, Marilia, não preciso;
Não me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês hum riso.

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos teráõ, teráõ a sorte
De consummir os dous a mesma terra.
Na campa rodeiada de cyprestes,
Leráõ estas palavras os Pastores:
« Quem quizer ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes »

E pois seus dias, exceptuando as poucas horas que lhe roubava o emprego de Ouvidor, deslisavam-se tranquillos e serenos, entre seus amores e seus versos, entre o coração e a poesia, — como essas limpidas aguas da torrente, que docemente murmurão atravéz das brancas pedrinhas que matisam o seu leito.

Não durou porém muito tempo tão ven-

turosa existencia: accusado de haver cooperado para a rebellião, que se destinava á separação do Brasil da sua metropole, separou-se de seus amores, deixou Villa Rica, e depois lá foi parar em Moçambique, de onde nunca mais voltou para o Brasil. He esta a segunda phase da sua vida, que comprehende os tormentos, a desesperação do condemnado, a saudade, as dores do desterrado. Seus versos exprimem suas penas muito mais admiravelmente do que pintavam as primeiras canções os alegres prazeres do tempo da sua ventura.

Já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta,

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a vivesa dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

. . . .
. . . .

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreu os ferros?
Infames impostores m'os lançarão
E não puniveis erros.

Quando se lhe leu a sentença de degredo, quando elle vio que sua innocencia baqueiára, e que era preciso deixar a terra amada, abandonnar a bella Marilia, ahi está a bella lyra

> Leu-se-me emfim a sentença
> Pela desgraça firmada....

para denunciar a desesperação de sua alma, as dores do seu coração. Já previa que nunca mais seus olhos se encontrariam com esses bellos olhos, que elle descantava *réos e culpados de o terem prendido*; até então ainda lhe vagava pelo pensamento alguma esperança de salvar-se; ainda do escuro quarto de sua prisão pedia elle ao seu *sonoro passarinho*, que atravessasse as serras da Estrella, e fosse a Villa Rica levar suas saudades a

> N'huma palavra, a que vires,
> Entre todas mais formosa.
> Chega então ao seu ouvido,
> Dize, que sou quem te mando,
> Que vivo n'esta masmorra,
> Mas sem alivio penando.

A sentença fatal seccou-lhe essa esperança, que ainda o alimentava.

Vil desterro vou soffrer!
Ausente de mim, Marilia,
Que farei? — Irei morrer.

Erão os unicos canticos, que lhe tocaram aos labios, e aborrecido do governo, dos juizes, do paiz, só amando a Marilia, deixou elle o Brasil, que considerava sua patria, exclamando desesperado —

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento,
Suspiro porém, lamento,
Por tão cedo te perder!

Sua dôr era profunda, e bastou para mata-lo. De que servio viver elle quinze annos em Moçambique, si essa vida foi sem sentimento, antes huma vegetação animal? Quando alli chegou, jazia seu pensamento engolfado em huma negra melancolia; aborrecia os homens, os livros, a penna; seu ultimo canto fôra deslisado no Rio de Janeiro; foi a sua oração funebre, o seu requiem: assim acabava —

Que farei? — Irei morrer.

Os ares do exilio trouxeram-lhe grave doença do corpo, para acompanhar a en-

fermidade d'alma; esteve decidido, quasi enterrado....

Melhor fôra talvez isso; quando o corpo reganhou forças, e gosou saude — Gonzaga tinha, durante a molestia, perdido a reminiscencia do passado — nem Marilia, nem a poesia, que foram as duas unicas saudades da viagem, lhe corriam mais á lembrança. A vida pareceu encetar então sua carreira para elle. Não sabia o que fazia, tornou-se escravo da mulher, que o salvara; cumpria as suas ordens, ignorando em que se occupava. Mas de quando em quando com a mudança das estações, cahia em accessos furiosos de febre, chorava, gritava, maltratava-se, feria-se com as unhas, com os dentes. — Estava louco.

No anno de 1809 expirou, e foi enterrado na Sé de Moçambique.

Thomaz Antonio Gonzaga não nos deixou senão o livro de suas lyras, intituladas *Marilia de Dirceu.* Esse livro porém he hum monumento de gloria indestructivel para seu autor e para o seu paiz. Aonde ha mais poesia do que n'essas pequenas lyras, que celebram a bellesa de Marilia, todos os seus

encantos, todos os seus tranquillos prasceres? Ellas rivalisam com as mais bellas canções de Petrarca, com quem bastantes semelhanças se divisam no Poeta Brasileiro.

Francisco Petrarca cantava seus alegres amores nos braços da sua bella Laura, pelos prados de Avinhão, e nas solitarias torrentes de Vauclusa; Gonzaga solfejava suas deliciosas melodias, em honra da sua Marilia, nos amenos valles de Villa Rica.

Hum dizia —

Non era il volto suo cosa mortale,
Ma d'angelica forma; e le parole
Sonavan altro che pur voce umane.

Repetia o segundo —

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que meneia com brandura;
A fonte cristallina
Que sobre a pedra cahe de immensa altura;
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Petrarca assim desenhava —

Erano i capei d'oro all'aura sparsi,
Che 'n mille dolci nodi gli asvolgea;
E'l vago lume oltra misura ardea,
De que 'begli occhi, ch'or nen son si scarsi,

Gonzaga agora —

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeião,
São que os de Appollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr de negra noite,
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Agora Petrarca:

O fiamma, o rose sparse in dolce falda
Di viva neve, in ch'io mi specchio e tergo;
O piacer, onde l'ali al bel viso ergo,
Che luce sovra quanti il sol ne scalda.

Mais Gonzaga:

Os teus olhos espalhão luz divina,
À quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada e fina,
Te cobre as faces, que são côr de neve.

Se Petrarca perdeu a sua Laura, que

como o anjo bateu suas brancas asas, e deixou este mundo desgraçado, Gonzaga mais infeliz foi ainda, que o arrastaram grilhões para longe de sua Marilia. Um e outro se inspiraram admiravelmente na sua dôr, e as recordações e saudades produziram lyras, com que muito se enriqueceram as linguas Italiana e Portugueza. Em canções amorosas, e no sentimento da saudade, podem-se dizer rivaes; Petrarca porém he superior a Gonzaga, porque além d'estas inspirações enamoradas soube elevar ás vezes os sons da sua lyra a objectos magestosos e grandiloquos, e cantar a patria, com poesia verdadeiramente admiravel e sublime. Não rebaixa esta falta o talento de Gonzaga; mas Gonzaga não tinha patria; o que era então o Brasil? E essa era a sua terra, como elle a appellidava, e não Portugal, aonde apenas nascera e estudava. A Italia, no seculo de Petrarca, estava animada de fervoroso patriotismo, ainda que dividida e retalhada; o Brasil era a colonia a quem não se permittia e pensar e fallar, porque o pensamento e o discurso levaram ao cadafalso e aos presidios d'Africa os mais animosos de seus filhos.

Cumpre comtudo dizer que no meio d'essas canções amorosas e languidas de Gonzaga deparam-se com versos os mais elevados pensamentos; em huma d'ellas, insinuando-se elle a Marilia como hum heróe, diz :

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heroe em viver justo :
E tanto póde ser heroe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heroe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada.
. . . .
. . . .
. . . .

Gonzaga tem grangeado superior nomeada, por estes versos alegres, maviosos e doces, do tempo dos seus amores e da sua ventura; elles só por si, na verdade, bastariam para immortalisar seu autor, porque he o que temos na lingua portugueza de mais perfeito: e embora Garrett o colloque, como poeta anacreontico, abaixo

de Antonio Diniz da Cruz e Silva, hum dos desembargadores seus juizes, julgamos comtudo desacertado o juizo de tão conhecido escriptor, e altamente declaramos que as melhores poesias de Diniz, exceptuando o Hissope, que he poema especial, ficam muito á quem, em gosto, em doçura de linguagem, em finos pensamentos, a quaesquer d'essas pequenas lyras de Gonzaga, cuja leitura encanta, extasia. Nada conhecemos de mais engraçado e ligeiro, do que estes versinhos:

A pintar as negras tranças,
Peço, que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.

A lyra, que assim começa,

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudelosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes d'ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o summo.

além das côres nacionaes, de que he revestida, he digna da penna de Horacio, e não reconhece superioridade em nenhuma das producções antigas ou modernas.

Cabe aqui dizer que combinamos que em geral no systema, que adoptou Gonzaga, existe o grande defeito de falta de nacionalidade. Sendo a natureza do Brasil tão rica, tão esplendida, apenas, em huma ou outra de suas canções, o poeta desenha seus paineis com tintas proprias, com inspiração patria; seria-lhe sem duvida superior a gloria, se elle se tivesse desligado das cadeias da imitação dos Mythos Gregos, que então vigorava tanto em Portugal, como no Brasil, e a qual mirrou na nascença tantos bellos engenhos, que poderiam ser admirados no futuro. Perdoemos-lhe porém esses defeitos, communs a todos os poetas

do seculo passado, em attenção a tantas melodias, que nos deixou Gonzaga.

Os poetas podem ser classificados e divididos por escolas, ou systemas, segundo que tiram e dirigem suas inspirações; na quadra actual apparecem ainda essas classificações, mas deixaram os titulos antigos de pindaricos, bucolicos, anacreonticos, didacticos; o romantismo, que affugentou a imitação Grega, e não consentio que se queimasse incensos aos deoses do Parnaso e do Helicon, trocou-lhe os nomes, e abandonou a technologia classica, para se appellidar *lakistas, byroniannos, sentimentaes, ect.* Segundo estas novas divisões, e diremos tambem, abraçando-se a classificação dos Hellenos, não ha escola especial, a que pertença Gonzaga; mistura todos os systemas, confunde todas as regras, e forma assim huma especialidade: para elle vale a inspiração do momento, a ideia primeira, que lhe vem, o rhythmo mais harmonioso, a palavra mais doce, o som mais cadente.

E esse mesmo rhythmo, essa cadencia de expressões, essa magia do verso, ganharam-lhe popularidade estrondosa, e o tornaram d'elle um dos mais queridos e mais

lidos poetas do Brasil e de Portugal. Quasi que ninguem ha ahi, que não saiba de côr todas as suas alegres e harmoniosas canções, que descanta o verdadeiro pastor, levando o seu rebanho aos campos do Douro, do Mondego e do Tejo; que echoa o Mineiro nas suas lavras de Cattas-altas e do Serro; que gorgeia o fidalgo Portuguez no meio dos seus banquetes, e á sombra das frondosas arvores, que ornam suas quintas; que entretem o lavrador Brasileiro no meio das plantações, que enriquecem sua fazenda. Quem, em qualquer dos dous paizes, não repete de quando em quando para matar o tempo, e chamar o prazer, estes versinhos:

Acaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava,
Os annos gostosos?
São estes os prados
Aonde brincava,
Emquanto pastava,
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Hum rio cahia;
Ao som do susurro,
Que veses dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.

Para nós porém temos que Gonzaga foi maior poeta nos seus cantigos durante a sua tão amargurada prisão. He n'elles, que o harmonioso Vate, desprendendo sublimado vôo, se ergue á desmesurada altura, e não encontra superioridade em nenhum dos poetas antigos e modernos. Não he a doce melancolia de Job, com sua piedosa resignação; não he a aristocratica dôr de Adolpho Lamartine, com a perda de sua cara Julia, parecendo ainda o poeta lembrar-se que fica na terra, e n'ella se conservará; não he a tristesa de Petrarca, a quem, morta Laura, sôbra a patria, sôbra a sciencia, para companheiras: não são os arrufos sarcasticos de Lord Byron —

For pleasures past I do not grieve,
Nor perils gathering near:

My greatest grief ist that I leave
No thing, that claims a tear.

Não, nada d'isto se assemelha á desesperação de Gonzaga, que segue outro caminho, e tira origem de causas muito diversas. Young he facticio, a dôr de Tibullo tem origem no caracter do poeta, e não nos seus infortunios; Gilbert torna-se sceptico, e amaldiçoa os homens pelas suas desgraças. Sómente Ugo Foscolo, que quando desterrado da Italia, se persuade que elle morreu para o mundo e para a gloria, e exclama:

Non son chi fu: peri di me gran parte;
Questo, che avanza, é sol languore e pianto;
È secco il mirto, e son le foglie sparte
Del lauro, speme al giovenil mio canto.

sómente este poeta se assemelha, e se póde comparar com Gonzaga, cujos lamentos não tem esperança alguma, tanto que depois de condemnado, fez sua ultima elegia, que foi o seu testamento, o seu derradeiro adeus á Musa, e nem mais hum verso escreveu; — que a esperança he tudo, ella alimentou o triste Ovidio, atirado nas ribas do Danu-

bio, e de lá dirigindo seus olhos e pensamentos para a cidade dos Cesares!

Morri, ó minha bella;
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda rocca,
Sem ter descanso, fia:
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abrio no peito
A palpitante veia.

Eu, Marilia, respiro;
Mas o mal, que supporto,
He tão tyranno e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enluctado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia,
E delle só me mostra a estreita fresta
O quando he noite ou dia.

Olhos baços, e sumidos,
Macilento, e descarnado,
Barba crescida, e hirsuta,
Cabello desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas he, minha Marilia, como vive
Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo;
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses;
A quem sabio cumprio as leis sagradas
Servem de solio as Cruzes.

Logo apoz a bella elegia:

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
Á estação chuvosa e fria
Á quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos
Só a minha sorte não.

Os troncos nas primaveras
Brotão em flôres viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos
Só a minha sorte não.

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos,
Só a minha sorte não.

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não.

Todos esses canticos da sua prisão, desde aquelle, em que começa,

Estou no inferno, estou, Marilia bella.

no qual o poeta prova que soffrêu mais tormentos do que o infeliz a quem as Furias infernaes applicam as raivosas serpentes; do que o desgraçado, que gastava a vida toda em lançar o penedo da montanha ou em mover a roda; do que o miseravel, que sente nas tepidas entranhas o esfaimado abutre; do que emfim o furioso, que correndo a matar a sêde, a fome, vê as aguas e os pomos fugirem-lhe, quanto mais d'elles parece approximar-se; até a sua ultima lyra —

Leo-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada......

cujas bellesas já fizemos sobresahir; nada ha que não seja admiravel, perfeito e sublime.

A alma de Sapho não se espande com mais encantos, com mais ternura, do que a de Gonzaga, quando abrindo a Lyra lhe arranca estas vozes:

Á estas horas
Eu procurara
Os meus amores:
Tinhão-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita,
Nos seus cabellos.

Ah! Que assim mesmo
Sem compostura
He mais formosa,
Que a estrella d'alva
Que a fresca rosa.

Mal eu a via
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Que lhe amimava
Aquella ovelha,
Que mais amava.

Dava-lhe sempre,
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

. . . .
. . . .
. . . .

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas roccas,
Em que fiava.

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O Passarinho.

Na quente sesta,
D'ella defronte
Eu me entretinha,
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

. . . .
. . . .

Assim vivia....
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim Marilia
Se acaba tudo.

Nenhuma deshonra teria Schiller, se entre suas melancholicas canções contasse a lyra de Gonzaga, em que elle pede cicutas

para morrer, e findar de huma vez a existencia; em que o Vate, desesperado como o heroe de Chateaubriand, que procura os desertos da America, grita no meio de suas dôres:

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahi os venenos,
Que nunca visse o mundo;
Trase o negro licor, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos,
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que poz a natureza,
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flôr rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme o furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco e rocha, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella:
Não temas, que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas, e os troncos
A solida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura;
O covarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

Se o poeta lyrico he huma alma pura e leal, que passa e canta no meio do mundo, as vezes titubeando entre as phases do passado, os paraxismos do presente, e os arcanos do futuro, ás vezes perdido, como a harpa do deserto, mirrando-se no grande livro da natureza, como diz admiravelmente um Vate Allemão, ninguem com mais razão do que Gonzaga merece o titulo de poeta lyrico: imaginação brilhante, delicado gosto na expressão, soffrimentos proprios, são qualidades, que possuia em gráo eminente.

Releva dizer que ás vezes Gonzaga sacrificava ao som musical do rhythmo, á maviosidade e doçura do verso, a sublimidade do pensamento; este defeito porém procedia de que o amor d'arte era n'elle excessivo; o seu gosto e trabalho principal consistia na dicção, na escolha apurada da palavra mais sonora, submettendo a inspiração da poesia á harmonia e cadencia do verso. He o

defeito de todos os poetas artistas, que por esse methodo agradam mais á maioria dos leitores; menos porém merecem dos criticos illustrados. Quem mais sublimes inspirações arrancava de sua imaginação do que André Chénier? Entretanto, como Gonzaga, mesmo na mais bella das suas cantatas, a da Joven Captiva, elle sacrificou á musica do verso alguns admiraveis pensamentos.

Como quer que seja, em despeito de alguns defeitos, que póde apontar nas poesias de Gonzaga a critica mais apurada, he incontestavel que he elle hum dos primeiros poetas Brasileiros, digno, a todos os respeitos, da grande popularidade de que goza.

Sua poesia he a flôr d'alma, como as flôres são a poesia da terra; prende, encanta, captiva, arrasta, ao som de huma melodia que se não póde definir, e nosso pensamento lá esvoaça com elle, ignorando mesmo onde nos guia a inspiração do poeta, mas contente de acompanha-lo: he terno como o gorgeo do sabiá canoro, arrebatador como a torrente do deserto, melancolico como a musica de Bellini e as folhas

do chorão, sublime como a grandesa do Oceano e a voz de Deus!

Morreu já para o mundo, mas a gloria do seu nome não morrerá.

Rio de Janeiro 2 de Dezembro de 1844.

J. M. P. da Silva.

PARTE I

do chorão, sublime como a grandeza do Oceano e a voz de Deus!

Morreu já para o mundo, mas a gloria do seu nome não morrerá.

Rio de Janeiro 2 de Dezembro de 1844.

J. M. P. da Silva.

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosto trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado:

Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concérto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
He bom, minha Marilia, he bom ser dono
De hum rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedio gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês hum riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descansarei a quente sésta,
Dormindo hum leve somno em teu regaço:
Em quanto a luta jogão os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:

« Quem quizer ser feliz nos seus amores,
« Siga os exemplos, que nos derão estes. »
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

LYRA II.

Pintão, Marilia, os Poetas
A hum menino vendado,
Com huma aljava de settas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras azas nos hombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem he moço, nem he cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Hum retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa,
Arqueadas sobrancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com hum gesto desdenhoso
Se sorrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar hum desafogo
Ao cançado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe hum beijo,
Cobrio-se todo de peijo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que he este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia he tua,
Que Cupido he Deos supposto:
Se ha Cupido, he só teu rosto,
Que elle foi quem me venceo.

LYRA III.

De amar, minha Marilia, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adorão os Heróes; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma belleza,
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A Lei, que lhe dictou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias fórmas
De General de Thebas, velha, e touro.

O proprio Deos da Guerra deshumano
Não viveo de amor illeso;
Quiz a Venus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa, ou menos esta chamma:
Amar formosos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,
Que elle amou vulgar donzella:
Lê que amou a Danae bella,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino:
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
Á fonte mais clara,
Á vargem, e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se alguem te louvava,
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Hum vivo calor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,

Dirceo suspirava
Á força da dôr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste
Da tua fé pura
Hum doce penhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a faia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;
Pois basta o meu damno
Da sorte, que for.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

LYRA V.

Oh! quanto póde em nós a vária Estrella!
Que diversos que são os genios nossos!
Qual sólta a branca vella,
E affronta sobre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sórdido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seu thesouro:
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que vérga, as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vicio adora,
Da lauta meza os seus prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Galileo toma o compasso,
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a vária gente
Se deixa conduzir do proprio gosto,
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move;
Ou se a terra voltêa, assim conheço
Aonde chega o poder do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de jasmins, e rosas:
Noto os teus olhos bellos,

Os brancos dentes, e as feições mimosas:
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

LYRA VI.

Acaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia;

Ao som do susurro
Que vezes dormia !
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas :
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia :
O écho as palavras
Tres vezes dizia.
Se chamo por elle,
Já não me responde ;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

Aqui hum regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores, e feno:
Á esquerda se erguia
Hum bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de hum dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor, e saudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradárão,
Ah! não se mudárão;
Mudárão-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

LYRA VII.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores:
Dar-mas a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.

Ah! soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos hum pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Côres, que sejão iguaes.
Porém não, que em parallelo
Da minha Nympha adorada
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.
Ah! soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar-se pódem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matão,
Não imitão, não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.
Ah! soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esphéra,
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a Deosa de Cythéra.
Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as tres vencêra.
Vai-te, Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastão tintas do Ceo.

LYRA VIII.

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo;
Porém não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor:
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
A tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos:

Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo:
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupão, chupão ambrozias
Nunca fartos Amores.

O Vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura;
A fonte crystallina,
Que sobre as pedras cae de immensa altura,
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em tôrno dos teus peitos, que palpitão,
Exhalão mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;

Se encontrão os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voão, chegão;
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A Náo, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o panno grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prézo o captiveiro: sim, nem chamo
Á mão de amor impia:
Honro a virtude, e os teus dotes amo:
Tambem o grande Achilles veste a saia,
Tambem Alcides fia.

LYRA IX.

Marilia, de que te queixas?
De que te roubou Dirceo
O sincero coração?
Não te deo tambem o seu?

E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

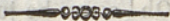
Em tôrno das castas pombas,
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se afagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Já viste, minha Marilia,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marilia, gérão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são.

Amão os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.
Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deosas do Ceo
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.
Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Não deve ter isenção.

LYRA X.

Se existe hum peito,
Que isento viva
Da chamma activa,
Que accende Amor;
Ah! não habite
Neste montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o impio
Aqui se esconde,
Não sei aonde;
Mas sei que o vi.
Traz novas settas,
Arco robusto;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O impio tem.
Oh! como he justo

Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu?
  Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Venceo a terra,
Venceo o Ceo.

Jámais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!
  Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E jámais lanção
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve
Só risos tem.
  Mas, ah! respira

Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêm.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta,
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Jámais torceo.
Ninguem resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha deo.

Ah! não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor.
Fuja, e não olhe,

Que só fugindo
De hum rosto lindo
Se vence Amor.

LYRA XI.

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonorosa Lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces canções inspira:
Assopra no clarim, que apenas sôa,
Enche de assombro a terra!
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro;
Vivos olhos, e faces côr de rosa,
Com crespos fios de ouro:

Meus olhos só vêm graças, e loureiros;
Vêm carvalhos, e palmas;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As serpes despedaça;
Que fére os Cácos, que destronca as hydras;
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Typheos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz tambem levanto,
Porém tu déste muito acima o ponto,
Dirceo não sóbe tanto:

Abaixa, minha Musa, o tom, qu'ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só Marilia digo.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se afina:
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz tambem divina.
O mesmo, que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão terno;
Nem póde competir commigo aquelle,
Que desceo ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito Marilia, as doces aves
Mostrão signaes de espanto;
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Párão o ledo canto:

Move-se o tronco, o vento se suspende;
Pasma o gado, e não come:
Quanto pódem meus versos! Quanto póde
Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

LYRA XII.

Topei hum dia
Ao Deos vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

« Morre, tyranno;
Morre, inimigo: »

Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.
    Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!
    Póde suster-se
A vez primeira;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito, que arqueja,
Mil golpes dèo.
    Suou seu rosto;
Tremeo gemendo;
E a côr perdendo,

Batêo as azas;
Emfim morreo.

Qual bravo Alcides;
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou;
  Para que próve
A empreza honrada,
Co' a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que Amor gritava;
E como estava
Visinha ao sitio
Valer-lhe vem.
  Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto
De pó coberto,
E todo envolto

No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E afflicta dando
Hum ai, os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.
Então o monstro
Dando hum suspiro,
Fazendo hum gyro
Co' a baça vista,
Resuscitou.

Respira a Deosa;
E vem o gosto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,
Que fez a dôr.
Que louca idéa
Foi, a que tive!
Em quanto vive
Marilia bella,
Não morre Amor.

LYRA XIII.

Minha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo he mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulcro,
Que seus avós erguêrão, descansado;
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração, que frouxo
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno hum brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possão deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
He dote, que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XIV.

Oh! quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
Hum peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.
Se o Hellesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do Cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem.
  Cheio de esforço
Vai ao Cocyto
Buscar afflicto,
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração:
  Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.
  Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.
Por tres gargantas,
Quando alguem bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!
Minos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.
A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle:
Por cima delle
Verdejão ramos,
Que pomos dão.
Debalde a bocca
Molhar pertende;
Debalde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado:
Monstro esfaimado
Jámais descança
De lho roer.
A roxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.
Não se entorpece
A lingua, e braço;
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah! tambem quanto
Dirceo obrára,
Se precisára
Marilia bella
De esforço seu!
Rompêra os mares
C'o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deo Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os gráos de Amor.

LYRA XV.

A minha bella Marilia
Tem de seu hum bom thesouro;
Não he, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes,
He feito de huns olhos bellos,
De humas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos;
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.
Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Por cercados espaçosos
    Nos caudosos
    Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! caro Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metteo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador do gado
    Apoucado,
    Mas contente.
Beije pois torpe avarento
As arcas de barras cheas:

Eu não beijo os vís thesouros;
Beijo as douradas cadeas,
Beijo as settas, beijo as armas
Com que o cego Amor venceo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo, e o fero Marte;
Ama, Alceo, o mesmo Jove:
Não he, não, a vã riqueza,
Sim belleza,
Quem os move.
Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo:
Deixo os bens, que aos homens cegão,
Sigo dos Deoses o exemplo:
Amo virtudes, e dotes;
Amo emfim, prezado Alceo,
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

LYRA XVI.

Minha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde

A paz sagrada
Do peito teu?
Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante!
Tambem troveja
O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,
Que outra Pastora
A toda a hora,
Em toda a parte
Cega namora
Ao teu Pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo:
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.
Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante

Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabello,
Sem pelles finas
No seu jubão.
  Porém que importa?
O rico aceio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição.

Quando appareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita, ou flor;
  Ah! que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua belleza
Inda maior.

O Ceo formoso,
Quando alumia

O Sol de dia,
Ou estrellado
Na noite fria,
Parece bem.
    Tambem tem graça
Quando amanhece;
Até, Marilia,
Quando anoitece
Tambem a tem.

Que tens, Marilia,
Que ella suspire!
Que ella delire!
Que corra os valles!
Que os montes gire
Louca de amor!
    Ella he que sente
Esta desdita,
E na repulsa
Mais se acredita
O teu Pastor.

Quando ha, Marilia,
Alguma festa
Lá na floresta,
(Falla a verdade)
Dança com esta
O bom Dirceo?
    E se ella o busca,

Vendo buscar-se
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando hum por outro
Na rua passa,
Se ella diz graça,
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?
 Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciume,
Que te desvela:
Marilia bella,
Nunca receies
Damno daquella
Que igual não fôr.
 Que mais desejas?
Tens lindo aspecto;
Dirceo se alenta
De puro affecto,
E pundonor.

LYRA XVII.

Não vês aquelle velho respeitavel
Que á muleta encostado
Apenas mal se move, e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárão-se as faces, e perdêrão
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabello em branca neve:
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem huma belleza
Das bellezas, que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahiráõ, e os meus cabellos.
Ah! sentirei os damnos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada:
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei comtigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás hum sitio ameno;
Onde os membros descanse,
E o brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira;
Apontando direi: « Alli fallámos,
» Alli, ó minha bella,
» Te vi a vez primeira. »

Verteráõ os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Faráõ teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

LYRA XVIII.

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito crystallino;
Nem ha cousa, que assemelhe
Ao crespo cabello louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
Á laranjeira copada,
Estando de flores,
E frutos ornada.

He, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cansára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;
Mas anima a formosura
De huma alma de féra;
Ou inda mais dura.
Ah! quando Dirceo pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos he bello:
Mas quando alumea,
Tu tremes de vê-lo.
Que importa se mostre chea
De mil bellezas a ingrata?

Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
Á natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marilia contente:
Se canto, canta commigo,
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale,
Vale hum immenso thesouro.

LYRA XIX.

Em quanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
Á sombra deste cedro levantado.
Hum pouco meditemos

Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
A sábia natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta.
Attende mais, ó cara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto delles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante!
Quando, Marilia, quando
Disser comsigo: « He esta
» De teu querido pai a mesma barba,
» A mesma bocca, e testa. »

Que gosto não terá a mãi, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhece-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mãis hum dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquillo, que de pezo serve,
Inspira Amor doçura.

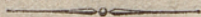
LYRA XX.

Em huma frondosa
Roseira se abria
Hum lindo botão.
Marilia formosa
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A féra mordeo.

Apenas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou:

« Se tu por tão pouco
» O pranto desatas,
» Ah! dá-me attenção;
» E como daquelle,
» Que feres, e matas,
» Não tens compaixão? »

LYRA XXI.

Não sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não he Marilia,
Já não posso vêr com gosto.
N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó Bella, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janella,
Aonde, Marilia bella,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguem passa, e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr.

Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Se estou, Marilia, comtigo,
Não tenho hum leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar á fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge hum dia o meu desgosto:
Jámais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.
Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o ségo:
Se alguem commigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marilia me desvela,
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa della.
Mal durmo, Marilia, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
Á força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos, que sinto,
Só são effeitos de Amor.

LYRA XXII.

Muito embora, Marilia, muito embora
Outra belleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da sala, aonde habita,
Adorne a seda, e o tremó dourado;
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecêrão,
De quem nem se quer temos a memoria!
Só pódem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo, se existírão
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha Bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

N'um sitio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lyrios,
Murtas viçosas;

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
Á voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chea:

Então Cupido
Apparecendo,
Á Bella falla
Assim dizendo:

« Do teu amado
» A lyra fias,
» Só porque delle
» Zombando rias?

» Quando n'hum peito
» Assento faço,
» Do peito subo
» Á lingua, e braço.

» Nem creias que outro
» Estilo tome,
» Sendo eu o mestre,
» A acção teu nome. »

LYRA XXIV.

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza,
A todos deo as armas, que convinha
A sabia natureza.

Deo as azas aos passaros ligeiros,
Deo ao peixe escamoso as barbatanas;
Deo veneno á serpente,
Ao membrudo elephante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço

Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios, com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos.

Ás timidas donzellas pertencêrão
Outras armas, que tem dobrada força,
Deo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar póde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia.
E quem tirou o sceptro aos reis de Roma?
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discordia

Em povos alliados;
És arbitra da terra:
Tu pódes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

LYRA XXV.

O cego Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava
Do modo, que lhe restava
De captivar a Dirceo.
Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe deo:

As settas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão no peito seu, e descem
Todas quebradas ao chão.
Só as graças de Marilia
Pódem vencer hum tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,

Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor :
  Que elle vive como as aves,
Que já deixárão as pennas
No visco do caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.
  Todos pretendem ganha-la;
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultárão
Da Deosa nos olhos bellos:
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendeo.
  Hum amorinho cansado
Cahio dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.
  Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças coberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sózinho brincar,
A elle endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.
Este, mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.
Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serêas
Mandou tambores tocar.

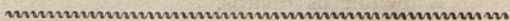
Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;
Metteo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Ergueo a cabeça fóra,
E o successo conheceo.
Deixa o socego em que estava,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas do brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abrazou o coração.
Dá o Pastor hum suspiro,
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,
Cada hum as armas toma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.
O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

LYRA XXVI.

Tu não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXVII.

O destro Cupido hum dia
Extrahio mimosas cores
De frescos lyrios, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de huma, e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Hum letreiro, que pergunta:
« Este espaço a quem se deve? »

Venus, que vio a pintura,
E leo a letra engenhosa,
Pôz por baixo « Eu delle cedo;
» Dê-se a Marilia formosa. »

LYRA XXVIII.

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Hum ditoso pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
Á sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,

Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descansão seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o Fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha Bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA XXIX.

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditósas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste;
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas settas:
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspirão
Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho sem ventura,
Em seguimento de hum cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues hum fino amante,
Que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó Bella;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte
Tambem a minha estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado,
Aplainar c'o tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho:
Seguirem os delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas,
Que atalha, e corta com murmurio brando;
Verás, verás, Marilia,
Da janella dourada,
Que huma comprida estrada representa
A limpha crystallina, que pisada
Pela popa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Hum repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás emfim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Humas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel hum beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
« Não trago, não, commigo,
» Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;
» Roubei as aureas minas, e consigo
» Trazer para os teus cofres
» Este maior Thesouro. »

LYRA XXX.

Cupido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Faunos, mal vírão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo:

« Temieis as settas
» Nas minhas mãos cruas!
» Vereis o que pódem
» Agora nas suas. »

LYRA XXXI.

O tyranno Amor risonho
Me apparece e me convida
Para que seu jugo aceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

« O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
» Já perto da morte estava,
» Inda de amores cantava;
» Por isso alegre vivia.

» Aos negros, duros pezares
» Não resiste hum peito fraco
» Se amor o não fortalece:
» O mesmo Jove carece
» De Cupido, e mais de Baccho. »

Eu lhe respondo: « Perjuro,
» Nada creio do que dizes;
» Porque já te fui sujeito,
» Inda conservo no peito
» Estas frescas cicatrizes.

» Se o mundo conhece males,
» Tu os maiores fizeste,
» Sim, tu a Troya queimaste,
» Tu a Carthago abrazaste,
» E tu a Antonio perdeste. »

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz afouto que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnez, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,
Marilia (oh Ceos!) me apparece:
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:
« Confessa, louco, o teu erro;
» Contra as armas da belleza
» Não vale a externa defeza
» Dessa armadura de ferro. »

LYRA XXXII.

Junto a huma clara fonte
A mãi de Amor se assentou
Encostou na mão o rosto,
N › leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao lugar correo;
Cuidando que era Marilia
Na face hum beijo lhe deo.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

« Foi facil, ó Mãi formosa,
» Foi facil o engano meu;
» Que o semblante de Marilia
» He todo o semblante teu. »

LYRA XXXIII.

Minha Marilia
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça

Do Deos de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o Ceo te deo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre:
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó Bella,
E o teu querido,
Ao Deos Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar:
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E augmenta quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutrio no peito
Nescia paixão?

Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for:
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a côr;

De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão:
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

LYRA XXXIV.

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por vêr de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
« Que finezas tão mal feitas!
» Que tempo tão mal passado! »

Junto pois n'hum grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado:

« Queres queimar esses versos?
» Dize, Pastor atrevido,
» Essas Lyras não te forão
» Inspiradas por Cupido?

» Achas que de taes amores
» Não deve existir memoria?
» Sepultando esses triumphos,
» Não roubas a minha gloria? »

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

« Depois, Amor, de me dares
» A minha Marilia bella,
» Devo guardar humas Lyras,
» Que não são em honra della?

» E que importa, Amor, que importa,
» Que a estes papeis destrua;
» Se he tua esta mão, que os rasga,
» Se a chamma, que os queima, he tua? »

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

LYRA XXXV.

Em cima dos viventes fatigados
Morpheo as dormideiras espremia;
Os mentirosos sonhos me cercavão;
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavão
As glorias, que desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a náo possante,
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra
Se enleia em torno della;
Já ponho a proa á barra,
Já cahe ao som do apito
Ora huma, ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem:
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes,
Já não ha que se veja
Nos claros horizontes,
Que não sejão vapores,
Que Ceo, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas,
E o pinho qual rochedo estar parado;
Ergue-se a onda, vem á náo direita,
E quebra no costado;
O navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cahir do lais a linha que os engana;
Hum dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna,
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma carroça
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella;
Na pôpa está parada;
Nem póde a Deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados
Os nús Tritões, deixando a esphera cheia
Com o rouco som dos buzios retorcidos.
Recreia, sim, recreia

Meus attentos ouvidos
O canto sonoroso
Da musica sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gageiro;
Descobre arrumação, e grita — terra!
Á murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra;
Pelo immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres;
(E que nova alegria me arrebata!)
De Cascaes a muleta já vem perto,
Já de abordar-nos trata;
Já o Piloto esperto,
Inda debaixo manda
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria já me atroa;
Lá ficão Paço d'Arcos, e a Junqueira;
Já corre pela proa
Huma amarra ligeira;
E a náo já fica surta
Diante da grão Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços;
Eu vejo ao velho pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos;
Ah! como vem contente!
De longe mal me avista,
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o apérto;
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia, quanto eu fiz, fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh Ceos, acordo!
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem se quer a vejo.
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo!

LYRA XXXVI.

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos Pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto é dino.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.
Ah! pinta, pinta

A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta o garbo de seu corpo
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeão,
Pizando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Hum terno amante beijando·

Suas douradas cadeias;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte, e valle ensinando
O nome, que tem no peito.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, Pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros chorão de inveja,
E chora Dirceo de gosto.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

LYRA XXXVII.

Convidou-me a ver seu Templo
O cego Cupido hum dia;
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz deste Deos hum conceito,
Como delle não fazia.

Aqui vejo descorados
Os ternissimos amantes,
Entre as cadeias gemerem;
Vejo nas pyras arderem
As entranhas palpitantes.

A quem ama, quanto avistas
(Diz Cupido) não aterra;
Quem quer cingir o loureiro
Tambem vai soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo, que te dilates
Neste sitio não convenho;
Deixa a estancia lastimosa,
Vem ver a sala formosa
Aonde o meu solio tenho.

Entrei n'outro grande Templo;
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nelle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

He de marmore, e de jaspe
O soberbo frontispicio;
He todo por dentro de ouro;
E a hum tão rico thesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas côres;
Em lugar dos cortinados,
Estão prezos, e enlaçados
Festões de mimosas flores.

Em torno da sala augusta
Ardem dourados brazeiros,
Queimão resinas que estalão,
E postas em fumo exhalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do throno os seus Genios
Alegres hymnos entoão;
Danção as Graças formosas,
E aqui as horas gostosas
Em vez de correrem voão.

Estão sobre o pavimento
Igualmente reclinados,
Nos collos dos seus amores,
Os grandes Reis, e os Pastores,
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,
Me diz o moço risonho,
Como ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras,
De que este Templo componho?

Sabes a historia de Jove?
Aqui tens o manso Touro,
Tens o Cisne decantado,
A Velha em que foi mudado,
Com a grossa chuva de ouro.

Applica, Dirceo, agora
Os olhos para esta parte,
Aqui tens a Lyra d'ouro
Que inda estima o Pastor louro;
E a rede que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente
De branco marfim ornado?
Á casta Deosa servia,
E o perdeo quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta lyra? com ella
Tira Orpheo ao bem querido
Dos Infernos onde estava:
Vês este pharol? guiava
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas espadas
Ainda de sangue cheas?
A Tisbe, e a Dido matárão;
E os fortes pulsos ornárão
De Pyramo, e mais de Eneas.

Sabes quem vai no navio,
Que neste mar se levanta?
He Theseo. Vês esse pomo?
He de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.

Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizerão,
Ah! que pinturas divinas!
Todas são das heroinas,
Que mais victorias me derão.

Repara nesse semblante,
He o semblante de Helena;
Lá se avista a Grega armada,
E aqui de Troya abrasada
Se mostra a funesta scena.

Vês est'outra formosura?
He a bella Deidamia;
Lá tens Achilles ao lado,
De huma saia disfarçado,
Como com ella vivia.

Cleopatra he quem se segue:
Alli tens lançando a linha
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado
Com armada náo caminha.

Aqui Hermia se figura;
Vê hum Sabio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado, sómente
Por cantar os seus amores.

Este he de Omphale o retrato;
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte,
Conheces, Dirceo, aquella?
Onde vais, lhe digo, explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso della?

Ergo o rosto, ponho a vista
Na imagem não explicada,
Oh! quanto he digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava;
Disfarçando amor, olhava
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me abala;
Desperto de tanto assombro;
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla:

Sim, caro Dirceo, he esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aqui tens o laço ordido
Da tua immortal ventura.

Hum Numen, Dirceo, hum Numen,
Que os trabalhos de hum humano
Desta sorte felicita,
Não he como se acredita,
Não he hum Numen tyranno.

Olha se a cega Fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em seus thesouros encerra
Outro bem de mais valia?

Lizas faces côr de rosa,
Brancos dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescoço, e peitos nevados,
Negros, e finos cabellos,

Não valem mais que cingires,
Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes de ouro?
Do que dares leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido,
E ao peito que adora terno,
Que tem, para hum o Inferno,
Para outro hum Ceo, Cupido.

Ao resto Amor me convida,
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo: Amor, perdoa
Não seguir-te; pois não voa
A ver mais o meu desejo.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTE II

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

Já não cinjo de louro a minha testa;
Nem sonoras canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta suppra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
Que a molhada parede ou suja, ou pinta,
Bem que tosca, e fêa,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Elle me diz, que faça do pé de huma
Má laranja ponta,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo;
Verás, Marilia, huma idéa nova:
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma dicta
Quando amor approva.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
Dessa bocca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar onde eu te vejo,
Responderei: *No peito*, que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintárão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apaga-lo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceos, que vejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos louro:
Ah! dá-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de ouro.

LYRA II.

Morri, ó minha Bella:
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia;

Não foi, digo, não foi a Morte fêa,
Quem o ferro moveo, e abrio no peito
    A palpitante vêa.

    Eu, Marilia, respiro;
    Mas o mal, que supporto,
    He tão tyranno, e forte,
    Que já me dou por morto:
A insolente calumnia depravada
Ergueo-se contra mim, vibrou da lingua
    A venenosa espada.

    Inda, ó Bella, não vejo
    Cadafalso enlutado,
    Nem de torpe verdugo
    Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia,
E delle só me mostra a estreita fresta
    O quando he noite, ou dia.

    Olhos baços, e sumidos,
    Macilento, e descarnado,
    Barba crescida, e hirsuta,
    Cabello desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas he, minha Marilia, como vive
    Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo:
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuses:
A quem sabio cumprio as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

Tu, Marilia, se ouvires,
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome se ultraja
C'o supposto delicto,
Dize sevéra assim em meu abono:
» Não toma as armas contra hum Sceptro justo
» Alma digna de hum throno. »

LYRA III.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has de ver, Marilia, o medo escrito:
O medo perturbador,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos converteo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso;
Fez de muitos os Astros,
Qu'inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos, por fins occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo!
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração....., e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV.

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria
Á quente secca estação.
  Muda-se a sorte dos tempos;
  Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotão em flores viçosos,
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
  Muda-se a sorte dos troncos;
  Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
  Muda-se a sorte dos brutos;
  Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois de gosto afflicção.
  Muda-se a sorte dos homens;
  Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.
  Muda-se a sorte dos Deoses;
  Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
  Muda-se a sorte de tudo;
  Só a minha sorte não?

O tempo, ó Bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
Á verdade a vil traição.
  Muda-se a sorte de tudo;
  Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V.

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão;
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão;
Na Primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cae do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morreo de amores?

LYRA VI.

Os mares, minha bella, não se movem,
O brando Norte assopra, nem diviso
Huma nuvem se-quer na Esphera toda;
O destro Nauta aqui não he preciso;
Eu só conduzo a náo, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náo no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demencia;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cobrio, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náo, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra, senão morro,
E perco então, se morro, huns doces laços
Não quero já, Marilia, mais soccorro;
Oh! ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

LYRA VII.

Vou-me, ó Bella, deitar na dura cama,
De que nem se-quer sou o pobre dono:
Estende sobre mim Morpheo as azas,
E vem ligeiro o somno.

Os sonhos, que rodeão a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa;
Não pintão cadafalsos, não, não pintão
Nenhuma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido;
Que hum menino com azas, cégo, e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja;
Pintão que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz dourada sege
Á nossa habitação; que mil Amores
Desfolhão sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintão que desta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertão nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia;
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grão Cidade.

Pintão leve escaler, e que na prancha
O braço já te off'reço reverente;
Que te aponta c'o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, *álerta*, grita o máo soldado;
E o outro, *álerta estou*, lhe diz gritando:
Acórdo com a bulha, então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marilia, só comtigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA VIII.

De que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira
O que te deo?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeo.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueo.
  Este foi sempre
  O genio seu.

Espalha a Cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos,
E a quem se devão
Nunca escolheo.
  Este foi sempre
  O genio seu.

A quanto he justo
Jámais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do claro Ceo.
  Este foi sempre
  O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'um carro ufano;
E cae Vulcano

Da pura esphera,
Em que nasceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.
Este foi sempre
O genio seu.

LYRA IX.

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro,
Ah! vem dar-mo agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,

Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a perfida calumnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra dourada,
E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha Bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que hum bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma
A sabia antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De huma grande Cidade.

Orpheo as cordas fere;
O som delgado, e terno

Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah! tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto;
Pódes fazer prodigios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflicto;
Que he menos ainda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo;
Que em quanto a Bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA X.

Eu vejo, ó minha Bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna;
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande Templo, em que se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do Assyrio Povo;
Aqui os Médos crescem,
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: « E que pertendes?
» Todas estas medalhas vêr agora?
» Ah! não, não sejas louco!
» Espaço de annos fôra
» Para isso ainda pouco:
» Deixa estranhos successos, vem commigo;
» Verás quanto inda deve
» Acontecer comtigo. »

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com modo, e arte.
« Tirei-te libras de ouro,
Me diz, » e quero dar-te
» Todo aquelle thesouro.
» Não suspira por bens hum peito nobre: »
Sevéro lhe respondo,
« Vivo afeito a ser pobre. »

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.
« Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, » alli te faço
» Restituir o posto. »
Respondo em ar de mofa, e tom sereno:
« Conheço-te, Fortuna,
» Posso morrer pequeno. »

« Aqui te dou, me diz, a tua amada: »
Então me banho todo de alegria.
« Cuidei, me torna a cega,
» Que essa alma não queria
» Nem esta mesma entrega. »
« He esse o bem, respondo, que me move,
» Mas este bem he santo,
» Vem só da mão de Jove. »

Queria mais fallar; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos:
« Basta, Fortuna, basta,
» Estes breves momentos
» Lá n'outras cousas gasta;
» Da minha sorte nada mais contemplo. »
E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o Templo.

LYRA XI.

A estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita,
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
He que fallava,
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho:

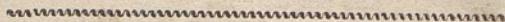
Na quente sésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

« Não ha Pastora,
» Que chegar possa
» A' minha Bella,
» Nem quem me iguale
» Tambem na estrella;

» Se amor concede
» Que eu me recline
» No branco peito,
» Eu não invejo
» De Jove o leito:

» Ornão seu peito
» As sãs virtudes,
» Que nos namorão;
» No seu semblante
» As Graças morão. »

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

LYRA XII.

Se acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha Bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos Precitos
Arbítra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes,
Com a mão escarnada não me applicão
As raivosas serpentes;
Mas cercão-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que me affligem, roda, e gyra
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tépidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;
E n'uma cousa só he mais humana
A minha dura estrella:
Huns não pódem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo voar, e voar cedo
A' gloria dos teus braços.

LYRA XIII.

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Céo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro d'um cópo d'agua, e possa nella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E huma náo á véla.

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ouvido
Que na bocca hum bochecho d'agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; se for mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bocca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada,
« E que tal, me pergunta, esteve a peça?
» Não foi bem pregada?

» Eu já te disse, que Marilia he tua:
» Tu fazes do meu dito tanta conta,
» Que vais acreditar o que te ensina
» Velha mulher já tonta. »

Humilde lhe respondo: « Quem debaixo
» Do açoite da Fortuna afflicto geme,
» Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
» Se agourão males, e teme. »

LYRA XIV.

Ah! Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldêa,
Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
  Mandarás aos surdos Deoses
  Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: « Aqui trazia
» Dirceo tambem o seu gado. »
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
  Mandarás aos surdos Deoses
  Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada.
Tu dirás então comtigo :
« Alli Dirceo esperava
» Para me levar comsigo ;
» E alli soffreu a prizão. »
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa chêa :
« Todo o congresso alli anda,
» Só o meu amado não. »
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás : « Não foi tyranna
» Sómente comigo a sorte ;

» Tambem cortou deshumana
» A mais fiel união. »
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XV.

Vês, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre corre
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre:
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere; elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover hum passo.
Não conhece que sáe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha Bella, igual demencia;
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão:
De conselho mudárão:
Como escravo o vendêrão:
José não corre a ser hum servo afflicto:
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser hum quasi Deos no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó Bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende?

Póde ainda raiar hum claro dia.
Mas quer raie, quer não, ao Céo adoro;
E beijo a santa mão, que assim me guia.

LYRA XVI.

Alma digna de mil Avós Augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da Humanidade:
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de ouro no seu Templo
A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!

He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remíra:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se apezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro Amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado Amigo.
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

LYRA XVII.

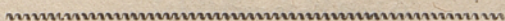
Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Huns tristes gemidos,
Repara, Marilia,
Verás, que são meus.
Ah! dá-lhes abrigo,
Marilia, nos peitos;
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvi-los movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.

Ah! não os desprezes,
Porque se conspira
O Céo em meu damno,
E a gloria me tira
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado:
Perdi o meu gado;
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.
Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de hum triste,
Os deves, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha Bella,
Virá huma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.
Os crimes deshonrão,
Se são existentes;
Os ferros, que opprimem
As mãos innocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gosto, e ternura
Suspiros aos Céos.
   Pôr-me-hão no sepulcro
A honrosa inscripção:
« Se teve delicto,
» Só foi a paixão,
» Que a todos faz réos. »

LYRA XVIII.

Eu, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldêa;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso chêa.
Tirárão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encóste, hum só cajado.

Para ter que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuiso,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve bocca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah! minha Bella, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal curtidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas, e com cestos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira:
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores;
Dizendo huns para os outros: « Olha os nossos
» Exemplos da desgraça, e sãos amores. »
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a hum dos dois a morte.

LYRA XIX.

Vejo, Marilia,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
À minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa aldêa,
De mil cuidados
E mágoa chêa,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Dezejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,

Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E delle Jove
Se compadece:
Que Jove, ó Bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

LYRA XX.

Dirceo te deixa, ó Bella,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa:
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bocca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sede:
Descansa o curvo bico, e a garra impia
Negro abutre esfaimado:
Nem na róca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que morão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria
Só, bem que o gosto as turvas aguas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as aguas puras,
Que o mel, e do que o leite mais suaves.
« Aqui, diz elle, espero a minha Bella;
» Aqui contente viverei com ella. »

« Aqui... » Porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teus doces laços;
E em paga de meus males,
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás depois lá ter commigo.

LYRA XXI.

Não mólho, Marilia,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não vôe, e não corra,

A hi-lo apanhar.
Estende-o nas azas,
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Os tristes gemidos,
Os ais lastimosos
Os guarda unidos,
Marilia, c'os teus;
As lagrimas nossas
No seio amontoa,
Fórma azas, e voa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troyanos,
Livra-los querendo
De riscos, e damnos,
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhárão,
A Jove abrandárão,
Assim os salvou.

Confia-te, ó Bella,
Confia-te em Jove,

Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

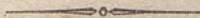
LYRA XXII.

Nesta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremoso, que eu assim resista
Á dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágoa não supporto;
Foge-me a vista, e caio,
Não sei se vivo, ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que amor me tem comsigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

« Se queres ser piedoso,
» Procura o sitio em que Marilia móra,
» Pinta-lhe o meu estrago,
» E vê, Amor, se chora.
» Se lagrimas verter, se a dôr a arrasta,
» Huma dellas me traze sobre as pennas,
» E para allivio meu só isto basta. »

LYRA XXIII.

Se me víras com teus olhos
Nesta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha Bella,
Qual seria o teu pezar?

Á força da dôr cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: « E Marilia
» Não estima este cabello?
» Se o deixas perder de todo,
» Não se ha de enfadar ao vê-lo? »
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio:
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

« Eu entendo que a matar-te,
» Diz amor, te tens proposto;
» Fazes bem: terá Marilia
» Desgosto sobre desgosto. »
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marilia,
Em que o Sol já se tem posto;
Vem-me á memoria que nellas
Vi á janella teu rosto:
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: « Já basta,
» Já basta, Dirceo, de pranto;
» Em obsequio de Marilia
» Vai tecer teu doce canto. »
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha, suja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: « São horas
» De escrever-se o que está feito: »
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta ageito;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono,
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo a Amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar,

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei de ver Marilia em sonho,
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça;
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXIV.

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda, e fêa,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria Aldêa!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata;
O écho agora diz: « Marilia terna; »
E logo: « Eulina ingrata. »

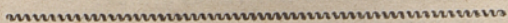
Deixão os mesmos Satyros as grutas:
Hum para nós ligeiro move os passos:
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

« Dirceo, clama hum Pastor, ah! bem merece
» Da candida Marilia a formosura.
» E aonde, clama o outro, quer Eulina
» Achar maior ventura? »

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha Amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.

Á noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV.

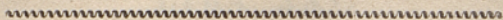
Por morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já o Torres se assenta;
Carrega-me o rosto;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado,
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

LYRA XXVI.

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austera a bocca,
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:
Huma o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prizão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha Bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,
Que gosto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tamsómente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

LYRA XXVII.

Eu vou, Marilia, vou brigar co'as feras!
Huma soltárão, eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre: a mim já corre,
Ao peito o apérto, estalão-lhe as costellas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora um Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora; que o pulso
Ainda não se cansa.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquea, os olhos inchão,
Açouta o chão convulso, arqueja, e expira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expõem a minha vida
No circo dos Romanos?
Com ursos, e com onças eu não luto:
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada ;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se recea a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi : « Infame, indigno,
» Obras como costuma o vil humano ;
» Faço, o que faz hum coração divino. »

LYRA XXVIII.

Minha Marilia,
O passarinho,
A quem roubárão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho;
Piando finge
Que anda a chorar.

Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.
Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome;
Tambem Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.
Ah! só não póde
Ao meu tormento

Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó Bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa:
Derrete ao bronze;
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.
Mas do amianto
A febre dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em linguas,
Ás nuvens chegue,
Á força d'agua
Se ha de apagar.
Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agua a vemos
Mais s'inflammar.

O meu discurso,
Marilia, he recto:
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor, que nutro,
Ao teu aspecto,
E ao teu semblante,
He singular.
  Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.

LYRA XXIX.

Aquelle, a quem fez cégo a natureza,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
  E dous remedios junta!

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja:
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
  He porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, faz de hum Sceptro dono:
Cria n'um pobre berço huma alma digna
De se sentar n'um Trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de hum thesouro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o ouro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atraz do vicio em liberdade corra;
Eu amo as leis do Imperio, ella me opprime
Nesta vil masmorra.

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa
Co'a solida razão se não coaduna;
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa,
Que os Sabios fingem, que huma roda move,
He só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha Bella,
He muito mais honroso.

LYRA XXX.

A minha amada
He mais formosa,
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co'a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C'o vento ondea,
Ao seu cabello,
Quando fluctua,
Não he igual.
Tem a côr negra,
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esphera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos como
Seus olhos são;
Que ao Sol excedem
Na luz, que dão.

Ás brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve bocca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beiços
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe désse,
Compadecido,
Tanto soccorro
O Deos Cupido;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de goza-lo
O vivo gosto!
Que, submergido
Em hum tormento
Quasi infernal,
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

LYRA XXXI.

Detem-te, vil humano;
Não espremas a cicuta
Para fazer-me damno.
O sumo, que ella dá, he pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licor, que tem nos dentes,
Nos dentes denegridos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento

Sou tronco, e rocha, ó Bella,
Que açouta o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a côr se mude
Vence as rochas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

LYRA XXXII.

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo, e louro;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde louro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d'ouro.

« Já basta, me diz, ó filho,
» Já basta de sentimento;
» O cansado peito exige
» Hum breve contentamento :
» Louva a formosa Marilia
» Ao som do meu instrumento. »

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não socega em tanto :

Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
He mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão que regía o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir hum largo espaço,
Assim diz: « O Deos Cupido,
» Faz inda mais, do que eu faço.

» Eu te dou a minha lyra:
» Louva, louva a tua Bella;
» Porém vê que ta concedo
» Com condição, e cautella... »
Eu lhe córto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

LYRA XXXIII.

O Pai das Musas,
O Pastor louro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de ouro.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

« O teu cabello
» Vale hum thesouro;
» Hum só me adorna
» A sábia frente
» Melhor que o louro.

» Nesses teus olhos
» Amor assiste;
» Delles faz guerra;
» Ninguem lhe foge,
» Ninguem resiste.

» Algumas vezes
» Eu o diviso
» Tambem occulto
» Nas lindas cóvas,
» Que faz teu riso.

» Nesses teus peitos
» Tem os seus ninhos
» Destros Amores;
» Nelles se gerão
» Os Cupidinhos.

» Vences a Venus,
» Quando com arte
» As armas toma,
» Porque mais prenda
» Ao fero Marte. »

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vís cadêas.

Dou hum suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto:

« Sou da constancia
» Hum vivo exemplo:
» E vós, ó ferros,
» Honrareis inda
» De Amor o Templo. »

LYRA XXXIV.

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia;

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo:

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deoses me dão outra,
Ainda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he comtigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Potro,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Ás vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas,
Huma por huma beijo,
E chóro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração apérto,
De novo a mólha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não sentírão,
Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvírão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felices nega.

LYRA XXXV.

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores mos lançárão,
E não puniveis erros.

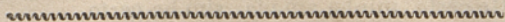
Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi huma vez, não foi só huma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

He certo, minha amada, sim he certo
Qu'eu aspirava a ser de hum Sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunhão, não batião
Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só erão minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha Bella, os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir hum claro dia,
Em que estas vís algemas, estes laços
Se mudem em prizões de allivios cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: « Eu sou Monarca;
» Dou leis, que he mais, n'um coração divino;
» Solio que ergueo o gosto, e não a força,
» He que he de apreço dino. »

LYRA XXXVI.

Meu sonoro Passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propicio;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sobe á serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa huma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janella,
He da sala, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante he redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha, e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVII.

Se o vasto mar se encapella,
E na rocha em flôr rebenta,
Grossa náo, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o Céo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Hum theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alfange afiado.

Hum frio suor me cobre,
Laxão-se os membros, suspiro;
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bocca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o Céo limpa,
Quando se vê na tormenta:

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra meus males teu rosto.

LYRA XXXVIII.

Eu vejo aquella Deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vê-la não me causa hum leve abalo,
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual he o povo, dize,
Que commigo concorre no attentado?
Americano Povo!
O Povo mais fiel, e mais honrado!
Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre Cidade dos Francezes;
Lá se derrama o sangue Brazileiro;
Aqui não basta, suppre
Das roubadas familias o dinheiro....

Em quanto assim fallava,
Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo;
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo:

Acabou-se, tyranna,
A honra, o zelo deste Luso Povo?
Não he aquelle mesmo,
Que estas acções obrou; he outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppôr-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesouro,
Que aos outros mover possa
Á força de respeito, á força d'ouro?
Os bens de quantos julgas rebellados
Podem manter na guerra,
Por hum anno se quer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha huma acção destas

Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola, lhe mandasse!

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-ião buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a Côrte Brazileira
Na terra dos Suissos,
Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo author do insulto
Mais a riso, do que a temor me move;
Deo-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia he trata-lo por demente,
Ou prende-lo, ou entrega-lo
Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,
Hum extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta.
Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; socega, attende.

E tinha que offertar-me
Hum pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco esperto,
Que hum bem tão contingente
Me obrigasse a perder hum bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Hum direito arriscado eu busco, e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me uniria, se os houvesse, aos vís traidores:
Daqui nem ouro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó céga, não tenho
Hum grosso cabedal dos mais herdado:
Não o recebi no emprego,

Não tenho as instrucções d'um bom soldado,
Far-me-ião os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
Á custa do seu sangue, e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A Deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sitio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora;
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais esta hora.

SONETO.

Obrei quanto o discurso me guiava,
  Ouvi aos sabios quando errar temia;
  Aos bens no gabinete o peito abria,
  Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
  Mais duro, ou pio do que a Lei pedia;
  Mas devendo salvar ao justo ria,
  E devendo punir ao réo chorava.

Não forão, Villa Rica, os meus projectos
  Metter em ferreo cofre copia d'ouro,
  Que farte aos filhos, e que chegue aos netos:

Outras são as fortunas, que me agouro,
  Ganhei saudades, acquiri affectos,
  Vou fazer destes bens melhor thesouro.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

PARTE III

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

Como alegre vem nascendo
A serena madrugada!
Já d'Aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

O suave rouxinol
Já desampara o seu ninho;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

O sollicito Pastor
Lá sáe do pobre agasalho;
E pelo rude trabalho
O descanso vai deixando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Ainda a luz matutina
Co'a noite s'equivocava;
Já eu, ó Marilia, estava
Pelo teu nome chamando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Não penses que desgostoso,
Queixas fórmo contra Amor;
Mil canções em teu louvor
Brandamente estou cantando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Canto ao som da minha Lyra
Tua rara perfeição,
Com que Amor doura o grilhão,
Que alegre vou arrastando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Mas que sobresalto! eu vejo
No prado andar huma Estrella!
Ah! não, he Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formosa,
Vem meiga escutar
Minha voz saudosa.

LYRA II.

N'uma escura gruta,
Funebre, e sombria,
Onde entrar não póde
Esplendor do dia,
O Mago Sileno
Sósinho habitava;
E nella d'amor
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d'amores
Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega
Que horrores exhala;
Desta sorte ao Mago
Tremendo lhe falla:
« Oh tu, grão Sileno,
» Que á força d'encanto
» Tornas em prazer
» D'amantes o pranto:

» Dize-me, se tanto
» Poder em ti ha:
» A minha Marilia
» Constante será? »
« Basta » diz o Mago;
E sem se deter,
Em hum livro pega,
E se pôz a lêr.

Ossos serpentinos,
Seccos, e mirrados,
A arder logo põe
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero sumo.
 Tres vezes invoca
 D'Erycina o nome,
 Em quanto a materia
 O fogo consome.

Apenas s'extingue,
Estrondo s'escuta;
Que até de temor
Estremece a gruta.

 Em nuvem dourada
 Amor apparece,
 Que com mão mimosa
 Huma corôa tece.

« Escuta, Dirceo,
» Amante feliz; »
Com huma voz divina
Amor então diz:

« Mais firme, que a rocha
» Dos ventos soprada,
» Marilia será
» Por Dirceo amada. »

LYRA III.

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos Céos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de vêr.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;

Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr;
Mas sim vêr que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que Amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Heide amar-te até morrer.

LYRA IV.

Que vezes julga que morre
Hum naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre,
Levando-o a salvação!
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Lutando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisão.
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o soldado a sorte,
Que o livra de todo o p'rigo
Na mais arriscada acção.
Só eu na escura prizão,

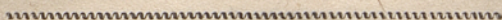
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao som do pezado ferro
Chora o triste degradado;
Té que o livra do desterro
Huma poderosa mão.
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

No carcere, ou no degredo,
Na doença, ou na pobreza,
Ou lá mais tarde, ou mais cedo
Todos tem consolação.
Tambem eu nesta prizão,
Aonde morrendo vivo,
He Marilia o lenitivo
Na minha dura afflicção.

LYRA V.

Fulgidas Estrellas
Logo s'amortecem
Tanto que apparecem
De Titão os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura,
Toda a formosura
Padece desmaios.
Seu lindo rosto
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

LYRA VI.

Vaidosa a Fortuna
Da sua riqueza,
D'Amor escarnece
A triste pobreza.
Risonha o conduz
Ao seu Templo, aonde
Immensas riquezas
Dos mortaes esconde.

As portas do Templo
De fino ouro são;
E em rijos brilhantes
Cravadas estão.
Apenas que as vê
A Deosa potente,
Qual o relampago,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vêm tão sómente
Saphiras, rubins,
E o metal fulgente.

De hum lado em cofres,
Que só d'ouro são,
Corôas, e Sceptros
Fechados estão.
E para outro lado
Espadas, bastões,
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chão sem num'ro
Rólão diamantes,
Pedras preciosas,
Metaes rutilantes.
Em eburneo throno,
Qual outro não ha,
A Deosa s'assenta
Se no Templo está.

Em fúlgidos vasos
Ante o seu altar,
Gommas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A Amor com vaidade
A Deosa mostrava
Toda esta riqueza,
Que em seu Templo estava.
Depois com desdem,
Sorrindo lhe diz:
« Então, meu menino,
» Es tu tão feliz? »

O terno Cupido
Que de raiva estala,
Á Deosa voluvel
Desta sorte falla:
« Se de ouro, nem pedras
» Tu vês sou senhor:
» Tambem tenho bens
» De maior valor. »

Dizendo isto partem
Em vôo despedido
Ao Templo, onde Amor
Se venera em Gnido.

« Agora verás,
» Lhe diz, hum thesouro,
» Que val muito mais,
» Que todo o teu ouro. »
Contente lhe mostra
Marilia engraçada,

De amantes desejos
Em torno cercada.

Eis que a Deosa vê
Marilia formosa;
Confessa a victoria,
E foge raivosa.

LYRA VII.

Em quanto o sordido aváro
No seu thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado;
Sem jámais descanso ter
Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaso
Corta o nauta o salso mar,
Para de longinquas terras
Os cabedaes transportar;
Arriscando nesta lida
Co'a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e sortidas

Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas;
Só para fazer distincto
O seu nome do sangue tinto:

Eu á margem deste rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito:
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que Amor me inspira.

LYRA VIII.

Hum dia que o gado
No prado guardava,
Amor me apparece
Com arco, e aljava.
No tronco mais verde,
Que no prado houvesse,
Amor me mandou
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Hum tronco buscar,
Para nelle as ordens
Prompto executar.

No tronco d'um freixo
Que viçoso vi,
Quiz gravar « Amor, »
Marilia escrevi.

Tanto que Amor vê
O engano feliz,
O nome beijando
Alegre me diz:
« Não temas, Dirceo,
» Não mudes de côr;
» Nesse doce nome
» Escreveste Amor. »

LYRA IX.

Como correm brandamente
Da noite as horas sombrias!
Que manso murmurio fazem
Deste rio as aguas frias!
A negra tristeza,
Que o sitio produz,
Minha alma conduz
A mil agonias.

As opacas, grossas nuvens,
Que do Sul correndo vão,
A furto deixão raiar
Da Lua o frouxo clarão.
A pallida luz,
Que a medo apparece,
Ah! quanto entristece
Esta solidão.

Noctivagas aves girão
Neste lugar pavoroso;
E quanto he melancolico
O seu grasnido horroroso!
Seu funebre canto,
Correio d'afflicção,
Faz meu coração
Mais triste, e saudoso.

Em busca de infeliz preza,
Huns com os outros topando,
Andão carnivoros lobos
Pelos montes ululando.
E se acaso passão
Por estes arbustos
Mil gélidos sustos
Me estão motivando.

Em fim, quanto vejo, e sinto
Nesta triste solidão,
Tudo está reproduzindo
A mais horrida afflicção.
Funebres horrores,
Que causão espanto,
Meu lugubre pranto
Promovendo estão.

Mas se Marilia agora
Neste horror apparecia,
Depressa a noite mudava
Mais brilhante do que o dia.
Seus olhos formosos,
Que mil prizões tecem,
Aonde apparecem
Tudo he alegria.

LYRA X.

Á bella Cyth'rea
Do rosto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
D'alma nascidos
A Deosa exhala;
E aos ares sobem
Com mil gemidos.
Aos Céos dirige
Amarga queixa;
E contra o filho
Que ama, e não vê,
Assim se queixa:

Onde te escondes?
Porque fugiste?
Sem te lembrares
Venus ficava
Saudosa, e triste.
Sem ti Adonis
Feio parece;
Marte sem ti
Doces encantos
Mé não merece.

Vem a meus braços,
Prenda querida;
E sem demora
Vem a meu peito
Dar nova vida.
Debalde em Gnido
Vêr-te pensei;

Em Chypre, e Paphos
Da mesma sorte
Em vão busquei.

Já que não ouves
O meu chamar,
Ao mesmo Averno
Se p'ra lá foste
Te irei buscar.
Qual veloz setta,
Que o ar sacode,
Venus partio
Buscando Amor,
Que achar não póde.

Corre em vão todo
Reino da morte;
Té que por fim
Junto a Marilia
A guia a sorte.
No seu cabello,
Que tem cahido,
Alegre a Deosa
Encontra Amor,
Nelle perdido.

LYRA XI.

Ergástulo cruento
Onde não entra a Aurora!
Pensas que a sombra tua
A vida me devora?
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que os teus ferros
Horriveis, e pezados,
Me tem os rijos ossos
Com dores traspassados:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
Desta masmorra escura,
Me leva por momentos
Á fria sepultura:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se o halito que deitas
Tu julgas que me empesta;

Se pensas que a matar-me
Já pouco, ou nada resta:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento,
Se a trabalhosa lida,
Tu pensas que me tirão
As forças para a vida:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate;
E cuidas que me vence
Tão rigido combate:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que essas Furias,
Alectos, e Megéras,
Me podem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte
O horrido governo

Me leva a cada passo
Ao tenebroso Averno :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar :
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Não são os ferros
Que me atormentão ;
Nem mais augmentão
Este pezar.
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Tudo soffrêra,
Nada sentira,
Se aqui te víra
Neste lugar.
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
Breves instantes,

Dias brilhantes
Me pódes dar.
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Quando discorro
Que te não vejo,
Nem hum bocejo
Posso formar:
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me aterra;
Não temo guerra
Tendo-te a par:
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Estes trabalhos
Não me dão córte;
Conduz-me á morte
Não te gozar.
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Mas basta já de canto:
Ergástulo cruento!

Bem vês que não me aterra
Teu horrido tormento.
Acaba a humanidade,
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia
Marilia linda, e bella,
A quem minha alma adora,
Lhe dize, que por ella
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

LYRA XII.

Fortuna, e Dirceo.

De Cresso as riquezas
Te mostro, Dirceo;
Se deixas Marilia,
Será tudo teu.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

De marmor Marpezio,
De tectos dourados,

Teus grandes palacios
Serão respeitados.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Em aureas berlindas,
Por urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Côrte brilhante,
Dirceo, por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Se luxo quizeres,
Terás luxo tanto,
Que dês aos mais horas
D'inveja, e de pranto.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza;

Que tudo he sublime
Aonde ha riqueza.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Se throno quizeres,
Dar-te-hei alto throno;
De terras, e reinos,
Dirceo, serás dono.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Apenas deixares
Marilia formosa,
De tudo o que digo
Sem duvida gozas.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

Dirceo.

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes?
Com outros reparte
Teus grandes haveres.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida
Por mão delicada
A frente tão branca
Não he comparada.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Quaes são as saphiras,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

As rosas mais rubras,
A côr da açucena,
Lhe mostrão na face,
Que lucida scena!
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa,
Rubis delicados,
Lhe deixão pequenos
Recintos fechados.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Mas ah! que eu não busco,
Marilia, pintar-te;
Por outros motivos
Desejo raivar-te.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se tu pódes tanto,
Fortuna invejosa,
Porque me não tiras
Marilia formosa?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante,
Dirceo se desvela,
Mais bens não desejão
Nem elle, nem ella.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia,
Fortuna cruenta,
Que a seus predicados,
Que mais s'accrescenta?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

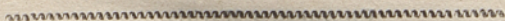
Se tu por Marilia
Me dás prata, e ouro,
He que ella mais val
Que todo o Thesouro.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pompa, e grandeza
Por ella me tornas,
Com ella, oh Fortuna,
O templo mais ornas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marilia,
Não quero riquezas;
No extremo sou grande,
Não busco grandezas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pobre me vires,
Eu nunca exaspero;
Pois tenho a Marilia,
De ti nada quero.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Fortuna, não quero
Mais vêr-te, importuna;
Quem tem a Marilia
Tem toda a fortuna.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque a ti prefiro
Marilia formosa.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

LYRA XIII.

Em carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado,
Assoprando rijos ventos,
Vai fugindo a longos passos
O triste Inverno engelhado.
Comsigo levou
A fria estação;
Agora só corre
Branda viração.

De Favonio a docil aura
Já a Primavera respira;
E de pullulantes flores
Vai vestindo os verdes campos,
Que o Inverno destruíra.
Ligeiros Zephiros
Nas azas sostidos,
Por entre os raminhos
Adejão perdidos.

Com som medonho esta fonte
No triste inverno corria;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante
Com a lympha pura, e fria.
Com sereno passo
Por estas campinas
Os pés vai beijando
Ás lindas boninas.

Que feiticeiros encantos
Não presenta a natureza!
Quanto os meus olhos alcanção,
Em tudo brilhando está
Huma natural belleza.
Dispostas sem arte
Mil cheirosas flores
O prado matizão
Com vividas cores.

Mas se a meu lado te visse,
Minha Marilia adorada,
Os transportes que em mim sinto,
Mais sublimes os faria
A tua face engraçada.
Em teu lindo rosto
Poz a natureza
Magicos encantos
Da maior belleza.

LYRA XIV.

Contente promette
Alcino Pastor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette;
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador;
Sem elle hum momento
Não tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d'Alcino
Mil votos Amor;
Pois era na aldêa
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas erão tão firmes
Os seus corações,
Que o zelo não pôde
Quebrar-lhe as prizões.

Amor cavilloso,
Que vive em receio,
Se vão a abraçar-se,
Se mette no meio.

Os braços abrindo
Os quer separar:
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promessa:
Amor as ciladas
De novo começa.

No braço lhe pega,
A ella o presenta,
E as faces rosadas
A elle lhe augmenta.

Marilia engraçada,
Sem ter turbação,
Põe logo raivosa
Os olhos no chão.

A elles voando
Lhos quer levantar;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do caro Dirceo
A voz escutando,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Acode-me, acode,
Oh meu Pescador!
Marilia tu vinga
D'Alcino, e d'Amor.

Ás vozes acode
O amante ligeiro,
E toma nos braços
O bravo frecheiro.

De sorte o aperta,
Qu'Amor sossobrado
Lhe diz: « Não me mates,
» Estou emendado.

» Já sei quanto póde
» A firme constancia;
» Ou sendo em presença,
» Ou quando em distancia. »

Alcino raivoso
Entrou a bradar:
« De ti, Amor cégo,
» Me quero vingar.

» Já força não tens,
» Estupido Amor;
» Enganas a gente
» Não tendo valor. »

Amor indignado
O busca ferir;
Alcino de medo
Deitou a fugir.

Voltou-se aos amantes,
E disse-lhes assim:
« Busquei separa-los,
» Prende-los mais vim.

» Quiz dar-te, Dirceo,
» Hum fero rival:
» Se he firme a belleza
» Astucia não val. »

Dirceo a Marilia
Os braços lançou:
Amor de invejoso
Raivando voou.

LYRA XV.

Já quando baixava Phébo
Do ponto do meiodia,
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulchro corria:

Marilia, Pastora bella,
Brancas ovelhas pastava,
Junto d'um bosque frondoso
Que á margem do Téjo estava.

Sentada no tronco annoso,
Que verdes folhas não tinha,
Lançava as vistas ao longe
Para vêr se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado
Tinha o divino semblante;
E para vê-lo o Deos louro
Parava d'instante a instante.

Os olhos põe nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa Amor,
Conhece-lhe a turbação;
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deo hum vôo
Junto da Pastora bella:
Marilia estava de sorte,
Que não foi sentido della.

Amor então s'escondeo
Por detraz do tronco annoso,
Por lhe deixar campo livre
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o sentido pranto,
Julgando que só estava,
Solta do peito este canto:

Pastor amado!
Minha alma, e vida!
Como sentida
Aqui me tens?
Pastor que esperas?
Inda não vens?

Como he possivel
Que te demores?
Sem vêr que as horas
Correndo vão?
Deixas Marilia
Nesta afflicção?

Eu não te chamo,
Dirceo, ingrato;
Teu terno trato
Mostrado tem,

Que he só Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Desta verdade;
Mas da saudade
Fero rigor
Rival se mostra
Do meu amor.

Ah! que eu me inflammo
Mais em querer-te;
Porém sem vêr-te
Oh justo Ceo!
Não te demores,
Dirceo, Dirceo.

A saudade foi tão forte
De Marilia neste passo,
Que fica encostada ao tronco,
Deixando cahir o braço.

Deixa escapar hum gemido,
Bem proprio nesta paixão;
A vista se lhe perturba,
Palpita-lhe o coração

Amor de susto tremeo:
Chega a ella de improviso,
E diz-lhe: « Marilia bella,
» Deixa o pranto, solta o riso.

» Dirceo não tarda hum momento;
» Detraz da montanha o vi
» Movendo ligeiros passos,
» Antes que eu te visse aqui.

» Por sinal vinha cantando
» Cantigas ao seu amor;
» Quero repetir-te aquellas
» Que pude tomar de cór. »

Marilia, minha amada!
Aonde estás, aonde?
Marilia, minha amada!
Ah! que ninguem responde.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de achar?
Marilia, minha amada...
Não ouço alguem fallar.

Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Marilia, doce bem!
Marilia, minha amada...
Aqui não vejo alguem.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de vêr?
Marilia, minha amada...
Eu sinto-me morrer.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,
Que eu não pude perceber:
Ah! Marilia, quanto he justo
Teu innocente querer!

Mas ah! não vês a Dirceo
Como corre para nós?

O cervo buscando a cerva,
Não, não corre tão veloz.

Amor cala; ella levanta
Os olhos té li fechados;
E vendo que Dirceo vinha,
Respira doces agrados.

Novo lustre lhe apparece
Nas maxillas côr de rosa:
Não ha Pastora no Téjo
Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoava
Huma tão nova alegria,
Que sendo Marilia bella,
Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando
Vozes d'amor, e desvelo,
Já levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
Que tambem Amor queria,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte nesta alegria.

Dirceo chega, e traz nas mãos
Venabulo forte aguçado,
De sangue cheio, e o pellico
Tambem de sangue manchado.

Marilia se assusta logo;
De novo treme, e desmaia:
Amor os braços lhe estende,
Porque na terra não cáia.

Dirceo lhe diz: oh Marilia!
O teu Pastor nada tem:
Abre os teus luzentes olhos,
Não te assustes, caro bem.

Levantou Marilia os olhos,
Lindos olhos côr do Céo;
E logo encontrou aquelles
Do seu querido Dirceo.

« Que sangue he esse, oh querido? »
Marilia lhe perguntou:
Dirceo, sorrindo o semblante,
Desta sorte lhe fallou:

« Quando descendo do Serro
» Trilhava o nosso caminho,

» Vejo hum javalí deitado
» Entre hum alto rosmaninho.

» Tremi de susto lembrado
» Que tu havias passar,
» Fosse mais tarde, ou mais cedo,
» Junto d'aquelle lugar.

» Sem trazer armas algumas
» Temi atacar a féra;
» Qual seria meu desgosto,
» Cára Marilia, pondéra.

» Ligeiro busco a montanha,
» Chego á cabana, e tomei
» D'entre os venábulos que tinha,
» Este mais forte que achei.

» Desço a montanha apressado;
» Vejo a féra, que subia,
» C'os cabellos erriçados,
» Do lugar em que dormia.

» Corro a ella: a mim se avança;
» Teu nome invoco, e d'Amor;
» Feri-a logo, e na morte
» Não teve mais que huma dôr.

» Vem commigo, prenda amada,
» Vem vêr o triumpho meu:
» Para libertar Marilia
» Não teme a morte Dirceo.

» Dá-me os teus braços em premio
» Deste trabalho que tive;
» Tu vives para Dirceo,
» Dirceo para ti só vive. »

Então estendendo os braços,
Hum ao outro se abraçou:
Amor chegando-se a elles
Mais os laços apertou.

Amor cheio de prazer,
Soltando as vozes ao ar,
Em louvor dos dous amantes
Assim começa a cantar:

« Marilia formosa,
» Mais bella q'a rosa,
» D'Amor são desvelos
» Teus negros cabellos,
» Teu rosto gentil.

» Amor te annuncia
» Prazer, e alegria,
» Nos braços amantes,
» Nos olhos brilhantes
» Do caro Dirceo.

» Dirceo, eu te auguro
» No tempo futuro,
» Mais ditas, e gosto
» Marilia no rosto
» Te póde mostrar.

» Constante ventura,
» Carinhos, ternura
» Terás conservada
» No peito da amada,
» No seu coração.

» Os premios são estes,
» São estas as vestes,
» Que Amor vos destina;
» A amar-vos ensina
» No dia melhor. »

Tres vezes bateo as azas
Sobre Marilia e Dirceo,
E rompendo os densos ares
Delles desappareceo.

SONETO.

He mais doce que o mel teu terno agrado.

Marilia, chega, que Dirceo t'espera
Sobre as candidas azas da alegria:
Chega, querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferina s'exaspera.

Apenas no horizonte amanhecêra,
E Phébo os louros raios repartia;
Já dentro d'esta aldêa se sabia,
Que a causa d'este bem Marilia era.

Tu já vês como salta o cordeirinho
Alegre atraz da mãi no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do Fado:
He mais puro que o leite o teu carinho,
« He mais doce que o mel teu terno agrado. »

SONETO.

Recebe os cultos deste peito amante.

O' Marilia gentil, ao Templo vamos,
Onde amor tem na pyra fogo ardente;
Quero-te alli; desejo-te presente;
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande portal; já que chegamos
Repara nesta massa reluzente;
Impuro coração não se consente
Em torno ás aras, onde a vista alçamos.

Aqui d'Amor a chamma s'accrescenta
Em todo o peito fido, alma constante;
Aqui se morde a intriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve instante
Ao altar sobe, junto a Amor t'assenta,
« Recebe os cultos deste peito amante. »

INDEX DAS LYRAS.

PARTE PRIMEIRA.

PARTE SEGUNDA.

PARTE TERCEIRA.

FIM DO INDICE.

Rio de Janeiro, 1845. — Typographia Universal de LAEMMERT, Rua do Lavradio, N. 53.

Marilia de Dirceu naquit à Villa Rica le 8 novembre 1767 et mourut le 9 fevrier 1853 à un peu plus de 85 ans. Ces Renseignements ont été donnés par Mr Bretas à Mr Joaquim Norberto